

## A MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA E O CONTROLE DA SOCIEDADE EM “THE MACHINE STOPS”

Marcos Antonio Maia Vilela<sup>1</sup>

### RESUMO

A partir do conto *The Machine stops*, de Edward M. Forster, publicado em 1909, buscou-se, neste artigo, analisar aspectos associados à conceituação de distopia enquanto especulação sobre um futuro dominado pelo autoritarismo, uma vez que a representação ficcional se dá através do apagamento de subjetividades e a instituição massiva de formas de controle do corpo social. Para alcançar tais objetivos, algumas definições de ficção científica, utopia e distopia foram retomadas, associando-as diretamente ao conto de Forster. No que diz respeito à representação de uma sociedade disciplinar foram consideradas discussões de Michel Foucault (2010, 2012, 2015) sobre o tema, especialmente sobre a organização dos aparatos de controle que vão se afirmando e alcançando quase que naturalmente todos os indivíduos. O futuro de progresso representado no conto expõe a completa dependência da humanidade ao controle de uma entidade artificial que supre mutuamente todas as carências. Este controle não advém do uso da coerção física, mas da compreensão de que a própria sobrevivência do corpo humano e sua existência na coletividade está centrada na obediência às normas de vida em sociedade, constituídas de modo a se distanciar de um passado antiquado e menos desenvolvido.

**Palavras-chave:** Distopia; Sociedades disciplinares; Interação mediada.

### ABSTRACT

The purpose of this article was analyse Edward M. Forster's short story *The Machine stops* published in 1909. To achieve the goals were described aspects of dystopia definition as speculation on future involved in authoritarianism. This fictional representation shows through the erasure of subjectivities and the presence of massive forms of control of the social body. The definitions of science fiction, utopia and dystopia have associated directly with Forster's short story ensuring it insertion in this field of discussion. On the debate of disciplinary societies discussions were considered through Michel Foucault's theoretical texts (2010, 2012, 2015), especially the focus on control organizations those are dominating people. Finally the idea of the progress showed the complete human dependence of an artificial entity that provide support to the people. The control exposed in the narrative does not come from the use of physical coercion, but from the understanding that the very survival of the human body and its existence in the community is centered on obedience to the norms in society. All of these norms were constituted so as to distance the civilization from an old-fashioned and less developed past.

**Keywords:** Dystopia; Disciplinary Societies; Media Interaction.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudo de Linguagens (UNEB) e doutorando em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Assistente do Departamento de Educação – DEDC II, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: mvilela@uneb.br.

O exercício imaginativo sempre forneceu material para a crítica da utopia na cultura ocidental. Neste contexto, identificamos produções sobre a especulação do futuro que descrevem o funcionamento de uma sociedade ideal, o registro de formas de vida em comunidade e, em determinados momentos, o elogio a uma cultura fundamentada na técnica. Esta é uma tradição de escrita recorrente de onde citamos aleatoriamente: Thomas Morus (*Utopia*, 1516); Tommaso Campanella (*A Cidade do Sol*, 1602) e até mesmo Platão em seu diálogo sobre a República. Destes exemplos, captamos imagens e especulações que continuam presentes no imaginário cultural. De certa maneira, este discurso da utopia é o campo performativo para o exercício ficcional, onde aspectos de interesse sobre a vida partilhada e o espaço coletivo se projetam. Ainda neste quadro, verificamos também um interesse pela regulação da vida comunitária, o que nos permite interrogar algumas concepções voltadas para a idealização de comportamentos e normas da vida social.

Neste artigo, realizamos uma breve investigação sobre o conto de Edward M. Forster, *The Machine Stops*, publicado em 1909. De uma forma geral, partimos da premissa que a narrativa de distopia está interessada em discutir as consequências do desenvolvimento tecnológico e suas implicações para a humanidade. Por isto destacamos características associadas aos temas de ficção científica. Alguns destes aspectos estão presentes no conto de Forster e fornecem material suficiente para elucidarmos algumas inquietações daquela sociedade que no início do século XX produzia especulações sobre o avanço da ciência, da tecnologia e suas repercussões na vida humana.

No tocante à abordagem metodológica, verificamos a diversidade de temas e perspectivas de análise possíveis a partir do conto de Forster (CEKER, 2015; MARCH-RUSSEL, 2005; MORAES, 2012, 2013; SEEGERT, 2010; SCABURY, 1997; ZIMMERMANN; MORGAN, 2017). No entanto, com o intuito de realizar a presente análise, pensamos *The Machine stops* como uma narrativa distópica (BEAUCHAMP, 1986; MORAES, 2012) que apresenta uma imagem de organização da estrutura social experimentada em um espaço-tempo futuro, caracterizado por um processo fortemente controlador de mediação tecnológica.

Diante destes pressupostos, sublinhamos que a literatura produzida na França e na Inglaterra, em fins do século XIX, abriu um espaço considerável para a extrapolação ficcional da realidade, o que é facilmente verificável nos textos de Jules Verne e Herbert

George Wells. A maioria das narrativas de Jules Verne (da série *Viagens Extraordinárias*, por exemplo) aproveita uma consciência científica sobre a realidade com o intuito de comprovar ou analisar um avanço tecnológico, partindo de algum cálculo ou experimento específico. Neste sentido e mesmo desconhecendo as intenções originárias do autor, pensamos que a imaginação científica realizada no texto sedimentou a possibilidade de testar hipóteses, avaliá-las e comprová-las a longo prazo. De todo modo, não descartamos que a crítica às descobertas científicas também é núcleo destas obras de ficção. Isto permite debater os aspectos éticos e morais do cientista na condução de experimentos, o cenário social e outros comportamentos produzidos no contexto de grandes mudanças técnico-científicas (FURLANETTO, 2012). Além disto, as hipóteses ou críticas apresentadas nos textos enfatizam a repercussão das mudanças da realidade ordinária, em um contexto no qual a imagem do futuro é esboçada através da constituição de mitologias. A própria controvérsia sobre os experimentos do Dr. Frankenstein, por exemplo, questiona as especulações sobre as descobertas do campo científico, antecipadas desde o início do século XIX por Mary Shelley através do mito do Prometeu Moderno.

De acordo com Elton Luiz Furlanetto: “No século XX, uma das formas adotadas pelo impulso da utopia de criticar o mundo atual e pensar em alternativas a ele coube à ficção científica.” (FURLANETTO, 2012, p. 308). No entanto, o gênero associa-se a indústria cultural interessada no entretenimento e, por conta disto, é caracterizado como um texto de menor valor literário, eloquente apenas nas narrativas audiovisuais. Todavia, percebemos que a terminologia da ficção científica absorveu uma série de conceituações difusas, mas originárias do campo dos estudos literários. Sob esta rubrica, são reunidas as produções voltadas para a especulação do futuro, sem ignorar os temas do terror, do suspense, das narrativas policiais e do mistério sobrenatural.

Tzvetan Todorov, por exemplo, ao propor uma investigação sobre a estrutura interna do gênero descreveu a *science-fiction* como parte de um conjunto, identificando aspectos da narrativa fantástica em sua composição: “Os dados iniciais são sobrenaturais: os robôs, os seres extraterrestres, o cenário interplanetário.” (TODOROV, 2004, p. 180) e não apresentariam divergências contundentes entre a ficção científica e o fantástico. L. David Allen, mesmo reconhecendo a importância do texto dramático de Karel Čapek (TCHÁPEK, 2010), propôs uma análise da estrutura do texto de ficção científica voltada para a prosa: “Tudo o que pode ser dito sobre a

ficção em prosa, em geral, aplica-se à ficção científica.” (ALLEN, 1974, p. 224). Ainda para o autor, o aspecto que permite esta caracterização está no desenvolvimento da temática em si pois, “[...] como qualquer prosa, os temas de ficção científica preocupam-se com a interpretação da experiência e da natureza do homem em relação ao mundo ao seu redor.” (ALLEN, 1974, p. 224).

Roberto de Sousa Causo ampliou este debate ao destacar que o gênero fantástico engloba a ficção especulativa que, por seu turno, passa a ser descrita como uma narrativa alicerçada em “[...] fontes míticas, satíricas, utópicas, romanescas e mesmo científicas, para realizar-se como um corpo multifacetado de possibilidades ficcionais.” (CAUSO, 2003, p. 45). A partir disto, a ciência emprestaria seus jargões tornando-se mais um tema para o desenvolvimento de narrativas fantásticas. Sob outra perspectiva, Darko Suvin apontou que a principal característica da ficção científica está no estranhamento cognitivo que o texto oferece ao leitor, pois desta forma a leitura da realidade disposta na ficção suspenderia a compreensão da realidade empírica, interrogando-a através da extrapolação (SUVIN, 1972).

Na discussão do campo da semiótica, Umberto Eco considerou a ficção científica um texto de antecipação por constituir hipóteses que se colocam diante da experiência com o mundo real. Neste sentido, o plano ficcional se estabelece através de uma diferença relevante, desenvolvendo aspectos contrafatuais que questionariam a estrutura de representação do real. Eco considera que o texto de ficção científica “[...] delinea um mundo possível enquanto este apresenta uma população de indivíduos e uma sequência de estados de fato que não correspondem ao mundo de nossa experiência.” (ECO, 1989, p. 166). Por outro lado, o texto fantástico joga com elementos contrafatuais apresentados em um mundo possível e estruturalmente diverso do domínio do real, apostando em uma especulação formulada a partir da realidade vigente. Deste modo, “[...] a ficção científica assume sempre a forma de antecipação, e a antecipação assume a forma de uma conjectura formulada a partir de linhas de tendências reais do mundo real.” (ECO, 1989, p. 169). Diante desta perspectiva, pensamos que alguns destes discursos expõem um imaginário do desenvolvimento das sociedades ocidentais, especialmente por trazerem descrições de um progresso tecnológico que interfere no campo da organização social.

Os conceitos até aqui apresentados demonstram o horizonte de definições que o gênero constituiu, afirmando, portanto, o interesse pela especulação da realidade e sua

pertinência ao discorrer sobre aspectos da vida humana. Através das narrativas sobre o futuro percebemos como a vida social e a representação dos anseios coletivos destacam as incertezas sobre a realidade empírica, e sua conseqüente rasura sobre a compreensão do cotidiano. A ficção científica, ao adotar o discurso da utopia, traça alguns movimentos neste campo, pois em um hipotético espaço-tempo há um desenho de universo fortalecido pela compreensão de organicidade e homogeneidade. Este cenário seria capaz de eliminar todas as divergências que impediriam o fluxo e existência de uma sociedade próspera. Desta forma, retomando também a discussão de Darko Suvin (1972), o texto especulativo se coloca na dialética de significações entre o universo ficcional e o universo empírico do autor ou leitor.

A especulação, enquanto característica identificável das utopias, não se limita a uma representação simplificada sobre a bonança e tranquilidade da existência social. A apresentação de um cenário homogêneo saturado de normas exemplares desvela o exercício de controle sobre a coletividade, imprimindo um padrão que não pode ser contrariado. Por esta via, discutimos as distopias como uma abordagem do discurso utópico a partir de uma perspectiva negativa, confirmando um programa autoritário de manutenção das formas da coletividade humana.

O discurso ficcional da distopia expõe um espaço-tempo no qual as pessoas obedecem a um sistema (seja político, social, econômico, cultural ou religioso) que garantiu satisfatoriamente a manutenção da vida de toda a comunidade. A princípio, este sistema não é identificado como um problema, mas como uma reação bem sucedida às ameaças de alguma turbulência inicial. Para continuar existindo, os indivíduos devem rejeitar qualquer traço de subjetividade como contrapartida indispensável a preservação de si mesmos. No curso da narrativa, porém, algum personagem membro desta coletividade se põe diante de uma utopia subjacente que o leva a confrontar aquela realidade. A comparação do presente ficcional (que está sob um excessivo controle) com um passado romantizado, além do desejo sobre o futuro, instiga desconfianças e gera uma insurreição. Tal despertar leva o personagem a questionar o sistema e perceber movimentos de reação possíveis, descortinando uma estrutura comprometida com o sufocamento de liberdades. Neste sentido, citando o conto de Forster, Paul March-Russel nos diz que: *“What turns the utopia of The Machine stops into a dystopia is its failure to allow for the necessity of change and its abolition of personal and cultural difference.”* (MARCH-RUSSEL, 2005, p. 59).

A narrativa de distopia expõe a desilusão sobre o atual estado da comunidade e destaca a frustração das expectativas de prosperidade e paz social duradoura. Não há dúvidas de que há um discurso sobre o futuro, sendo a distopia uma utopia que se concentra na divergência. Há uma questão de perspectiva ou de juízo de valor articulado pelo personagem diante das descobertas sobre a realidade, apresentada de modo diferente do que foi imaginado enquanto representação perfeita. Neste contexto, a distopia seria mais um tema da ficção científica, orientado pelo exagero do discurso pacificado da utopia. O texto conforma o absoluto controle das ações coletivas e da vigilância dos indivíduos sob a justificativa de manter um longo período de paz, prosperidade e ordem.

Tais discussões e os temas frequentes dessas narrativas, nos levam a analisar o conto de Edward M. Forster, *The Machine stops*<sup>2</sup>. Deprendemos do texto uma crítica sobre a sociedade extremamente tecnológica representada na ficção que além de ser considerada como “a primeira distopia moderna” (BEAUCHAMP, 1986, p. 57) demonstra sua relevância para as discussões da atualidade. Considerando este debate e de acordo com Beatrice Battaglia, a narrativa de Forster “*overturn many of critical commonplace that have always mutilated the significance and relevance of the most authentic dystopian fiction and have thus neutralised the extent of its subversiveness.*” (BATTAGLIA, 2000, p. 51). Aqui, a análise realizada sobre o conto destaca uma abordagem sobre os aspectos do progresso da humanidade que se concentram no excessivo controle da vida social.

Estes aspectos e a crítica proposta pelo conto serão analisadas fundamentalmente a partir das análises de Michel Foucault acerca da organização das sociedades disciplinares e seus sistemas de vigilância. Aqui, somos orientados por uma perspectiva que pressupõe a imagem de sociedade do futuro, na qual a humanidade experimenta a supressão deliberada e plenamente autorizada de seus próprios desejos e atributos. Ao mesmo tempo, através da insurgência de um personagem, verificamos quais teriam sido os fundamentos do sistema controlador e como ele se articulou para suprimir a liberdade humana. No conto, percebemos que o horizonte não é favorável para nenhum dos envolvidos, pois o fim do sistema também significará o fim da sociedade

---

2 Para a realização deste trabalho foi utilizada a tradução para a língua portuguesa de Celso R. Braida para o conto de Forster em cotejo com a narrativa original em língua inglesa. Ambos foram publicados no periódico acadêmico: “Nota do Tradutor: Revista Literária em Tradução” (FORSTER, 2011).

tecnologicamente organizada. Destacamos aí um paradoxo assustador: uma vez que a existência da força tecnológica totalitária atende diretamente à manutenção da sobrevivência da sociedade, estão garantidos a proteção e subsistência dos indivíduos.

O conto se passa em um tempo e espaço não identificados, embora estejam marcados com uma imagem do progresso científico bastante clara. Neste universo, há uma compreensão de cidade e interação social bastante peculiar que exclui profundamente a experiência direta e pessoal entre os sujeitos e objetos. Esta exclusão representaria a síntese do desenvolvimento tecnológico, posto que abdicar da experiência através do contato direto com a natureza e com os outros indivíduos seriam características marcantes de um novo estágio de evolução. Por isso, o narrador anuncia que: “Toda a antiga literatura, com seu elogio à Natureza, e seu medo da Natureza, soava falso como o balbucio de uma criança.” (FORSTER, 2011, p. 255). As interações com a natureza são primeiramente traduzidas para uma linguagem acessível e pretensamente objetiva que ignora qualquer tipo de elemento desconhecido, porque: “Todo o medo e a superstição que uma vez existiram foram destruídos pela Máquina.” (FORSTER, 2011, p. 261). Ao invés do contato direto, o novo paradigma passa a ser totalmente mediado pelo dispositivo tecnológico. Apenas a intervenção da estrutura tecnológica representada pela Máquina é capaz de suprir toda e qualquer necessidade humana.

A presença desse equipamento altera completamente as formas de socialização e interação. As pessoas ainda se comunicam entre elas e tomam o mundo exterior como objeto de formação do conhecimento, mas estes contatos são sempre mediados através de instrumentos e aparelhos que compõem uma estrutura maior e suficientemente planejada para amparar a carência destes indivíduos. O narrador descreve um corpo social que absorveu plenamente a tecnologia desenvolvida ao longo do tempo. Por conta disto, as mudanças que os personagens experimentam pertencem naturalmente à vida comum, eliminando questionamentos sobre a nova ordem. Esta realidade, no plano ficcional, aponta para a completa dependência da vida humana ao desenvolvimento tecnológico. De acordo com Moraes:

[...] o mundo se torna extremamente mecanizado, o desenvolvimento científico e tecnológico parece ter chegado a um nível de máxima ascensão, a ponto de a vida humana se encontrar em dependência absoluta de uma Máquina global que atende – mas também regula, controla – as necessidades físicas e espirituais do homem. (MORAES, 2012, p. 251)

Além do narrador, que apresenta ao leitor as características deste novo mundo, há outros dois personagens centrais para o desenvolvimento do enredo. Diante do questionamento apontado por um deles é possível pensar as consequências da ideia de progresso: Vasthi é mãe de Kuno e ambos vivem afastados geograficamente por imposição do sistema que gerencia a sociedade. Kuno questiona a estrutura social e seus comportamentos e encontra em Vasthi uma interlocutora cética. A separação de ambos atende a uma determinação da nova ordem social que revogava o direito dos pais sobre seus filhos no instante do nascimento destes (FORSTER, 2011, p. 254). Temos aqui uma das primeiras ações sobre o controle da vida. Ainda na infância, os indivíduos são deslocados para permanecerem em *viveiros públicos* e depois, já na vida adulta, encaminhados para habitações solitárias. A partir deste momento, todos passam a ter os cuidados para a sobrevivência através da interação direta com o sistema tecnológico.

Os personagens estão colocados em um estado de cooperação com as formas de controle, visando a manutenção da ordem tecnológica universal. Mesmo que o narrador não descreva uma coerção física agressiva por parte da Máquina, os sujeitos são compelidos a cumprir todas as normas do Comitê Central tornando as partes colaboradoras em todo o processo. Neste sentido, Foucault diz que a “[...] disciplina define cada uma das relações que o corpo deve manter com o objeto que manipula. Ela estabelece cuidadosa engrenagem entre um e outro.” (FOUCAULT, 2010, p. 147). Há, portanto, uma relação de interdependência contínua que consolida a sociedade disciplinar, uma vez que não há imposições aparentes para o perfeito funcionamento do conjunto. No entanto, isto deixa uma marca visível na relação estabelecida entre os personagens do conto e a Máquina, destacando as consequências do processo de modernização que, segundo Francisco Rüdiger, se concentra no esvaecimento de características humanas: “O verdadeiro ponto em discussão é a esclerose do elemento propriamente humano num sistema artificial, mecânico e automatizado.” (RÜDIGER, 2008, p. 45). Nesta sociedade, os aspectos da subjetividade se dissipam e não são considerados importantes para o entendimento que os indivíduos têm sobre si mesmos.

No conto, as formas de controle são compreendidas como necessárias para a sobrevivência e continuidade do processo de evolução do ser humano, mas neste caso o sistema automatizado toma-lhe a principal referência, afirmando-se como paradigma de um novo estado de coisas. Kuno, ao conversar com a mãe, descreve exatamente a relação entre a Máquina e a comunidade. Segundo ele:

Nós criamos a Máquina, para fazer a nossa vontade, mas não podemos fazê-la fazer a nossa vontade agora. Ela roubou de nós o senso de espaço e o sentido do tato, ela borrou toda relação humana e reduziu o amor a um ato carnal, ela paralisou os nossos corpos e as nossas vontades, e agora ela nos obriga a adorá-la. (FORSTER, 2011, p. 266)

A partir desta citação, identificamos um dos elementos que revelam o contexto da dúvida sobre o comportamento dos sujeitos diante do sistema artificial representado pela Máquina. Kuno é o personagem que põe a ordem em desequilíbrio, sendo o guia do leitor para os questionamentos que serão feitos sobre o corpo social. Portanto, a partir das descrições fornecidas pelo narrador do conto e das questões apontadas por Kuno, conduzimos nossa perspectiva de análise desenvolvendo os seguintes aspectos: a padronização, enquanto pretensão de tratamento igualitário entre os sujeitos e a consciência que estabeleceu as normas; o isolamento, como identificação plena das características específicas de cada sujeito diante de seu afastamento do coletivo; a interação mediada, que é a única forma de integração do sujeito com o coletivo, continuamente acompanhada pelo conjunto de equipamentos tecnológicos que as sustentam. Estes aspectos formalizam o controle que se instaura através de um poder que não exerce violência explícita contra os sujeitos, mas é percebido como uma intervenção natural e necessária às práticas individuais e coletivas. Para manter a ordem deste sistema se faz necessário ter o corpo inspecionado e governado sob os princípios estabelecidos com o interesse de gerir a vida, um “biopoder” (FOUCAULT, 2015). Sobre este aspecto da disciplina do corpo, Foucault nos diz:

Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. (FOUCAULT, 2010, p. 133)

A vida dos sujeitos é protegida pelo equipamento tecnológico e a reciprocidade na manutenção deste sistema se estabelece através da organicidade. Não à toa, a Máquina é descrita como um grande corpo, como percebemos na imagem apresentada por Kuno: “Nós só existimos como os corpúsculos do sangue que percorrem suas artérias, e se ela pudesse trabalhar sem nós, ela nos deixaria morrer.” (FORSTER, 2011, p. 266). Sobre a organicidade e sobrevivência mútua, na qual os envolvidos se entrelaçam a partir da força do poder disciplinar, Foucault diz ter: “[...] por correlato uma individualidade não só analítica e 'celular', mas também natural e 'orgânica” (FOUCAULT, 2010, p. 150), o poder disciplinar não prescinde a docilidade dos corpos

e gerenciamento da vida, pois devem estar devidamente engajados em uma estrutura interdependente e orgânica. Assim:

Sobre toda a superfície de contato entre o corpo e o objeto que o manipula, o poder vem se introduzir, amarra-os um ao outro. Constitui um complexo corpo-arma, corpo-instrumento, corpo-máquina. Estamos inteiramente longe daquelas formas de sujeição que só pediam ao corpo sinais ou produtos, formas de expressão ou o resultado de um trabalho. (FOUCAULT, 2010, p. 148)

A partir disto, pensamos no poder como uma presença atuante que se estende por diversos aspectos da organização da vida cotidiana representadas no texto de Forster, reelaborando as imagens já existentes. O entendimento de que a comunidade avança no tempo por meio de estágios evolutivos, por exemplo, também se torna parte da ideia das sociedades disciplinares. Segundo Foucault: “Os procedimentos disciplinares revelam um tempo linear cujos momentos se integram uns nos outros, e que se orienta para um ponto terminal e estável. Em suma, um tempo 'evolutivo'.”(FOUCAULT, 2010, p. 154). Esta ideia de evolução se apresenta no conto quando os personagens se referem ao período anterior à Máquina, comparando situações e definindo uma hierarquia entre um passado aparentemente caótico e um presente sob a ordem produtiva do progresso tecnocientífico.

Como figura exemplar da linha evolutiva que se estabiliza no ápice do super desenvolvimento tecnológico, destacamos as descrições do narrador sobre a arquitetura das celas de habitação, o isolamento no qual os sujeitos se encontram e a interação mediada tecnologicamente. Em todos os casos, o estranhamento se afirma na impossibilidade de reconhecer aquele lugar, o que faz a narração ser iniciada com a chave: “Imagine, se você puder [...]” (FORSTER, 2011, p. 248). O progresso se mostra tão avançado que se faz difícil compreendê-lo fora de contexto.

As celas de habitação possuem um desenho arquitetônico simétrico e uniforme, repleto de equipamentos tecnológicos que não existem nas habitações do início do século XX. Tudo o que está ali possui a mesma aparência e está à disposição para todos os habitantes. Não há marcas pessoais ou sentimentais que identifiquem o único morador. O quarto, hexagonal, é o limite da interação do sujeito com outros indivíduos e com o espaço externo. De acordo com Moraes: “Dentro dessa enorme 'colmeia', todos vivem isolados em seus pequenos alvéolos. Não há contato direto entre as pessoas, sequer existe a possibilidade de duas pessoas dividirem o mesmo espaço.” (MORAES, 2013, p. 33). A decomposição do espaço em unidades mínimas permite o controle,

observação e uso dos corpos para atender aos objetivos do poder. Na habitação, o sujeito tem à disposição tudo o que necessita para viver através da mediação permanente da Máquina, ignorando qualquer necessidade que não possa ser suprida pelo equipamento:

Imagine, se você puder, um pequeno quarto, hexagonal na forma, como a célula de uma abelha. Não é iluminada nem por janela nem por lâmpada, todavia é preenchida com uma radiação suave. Não há aberturas para ventilação, todavia o ar é fresco. Não há instrumentos musicais, e todavia, no momento em que minha meditação começa, este quarto está pulsando com sons melódiosos. Uma poltrona está no centro, ao seu lado uma mesa de leitura, — isto é toda a mobília. (FORSTER, 2011, p. 248)

A unidade mínima de constituição das cidades, a cela de habitação, é apresentada como um espaço fechado e desprovido de mobílias fixas. Tudo o que se faz necessário, sendo solicitado pelo sujeito, está pronto para surgir de um desacoplamento ou de algum lugar da mesa de controle. Há o isolamento ao mesmo tempo em que existe a integração. Os personagens usam apenas um comando ou um botão para acionar a Máquina. Trata-se de uma intervenção total na vida diária dos habitantes, o que verificamos no relato do narrador: “Em seguida, ela ligou a luz, e a vista de seu quarto, inundado de brilho e repleto de botões elétricos, a revigorou. Havia botões e interruptores por toda parte — botões para pedir comida, para música, para roupa.” (FORSTER, 2011, p. 251). A presença destes equipamentos no interior das habitações, na definição de Beauchamp, tem uma característica específica qual seja: “[...] *the futuristic society of this tale is a true tecnotopia<sup>3</sup>, a push-button paradise of mechanical marvels.*” (BEAUCHAMP, 1986, p. 57). Esta tecnotopia é a interface do controle que monitora os desejos e ações das pessoas através da tecnologia. Ao oferecer tudo o que o morador necessita através dos botões, temos uma imagem de padronização e isolamento bastante eficiente, uma vez que o sistema compreende as pessoas com as mesmas vontades a serem satisfeitas e elas vivem sem depender necessariamente umas das outras. Segundo Moraes: “Tudo o que necessitam para viver provém de tubos pneumáticos, acionados por uma série de botões instalados no interior de suas celas.” (MORAES, 2013, p. 33). Reforça, portanto, a ideia de organicidade através de uma complexa sistematização que se afirma fora da relação da humanidade consigo mesma, mas da humanidade com a Máquina.

---

3 Beauchamp define *tecnotopia* como parte componente da imaginação distópica: “*Thus the dystopian imagination posits as its minatory image of the future an advanced totalitarian state dependent upon a massive technological apparatus - in short, a tecnotopia.*” (BEAUCHAMP, 1986, p. 54)

Foucault nos diz que há diversas técnicas para a distribuição dos indivíduos no espaço, sendo este o primeiro aspecto a ser considerado sobre a disciplina. Existe uma necessidade de distinguir o espaço onde se exerce o controle com o objetivo de observar e administrar o tempo e o uso dos corpos: “Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. [...] O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir [...]” (FOUCAULT, 2010, 138). O controle do espaço de dominação da Máquina evita que as pessoas se reúnam ou se dispersem por vontade própria ou aleatoriamente. Ao confinar os indivíduos em uma unidade espacial celular, isolada e ao mesmo tempo integrada, a ordem facilita a observação dos gestos do corpo com o pretexto de alongar sua existência, saúde e preservação.

Já vimos que a circunscrição dos sujeitos nas células de habitação, embora signifique o afastamento físico do corpo, não pressupõe o completo isolamento, pois existe a possibilidade de integração a partir de um elemento mediador. No conto, a comunicação com o outro só é possível se for realizada no interior do espaço controlado pela Máquina. Isto significa que todo o contato direto entre os indivíduos é substituído pelo equipamento mediador que acompanha e direciona o processo. Rüdiger ao analisar este aspecto do conto, nos diz que: “A comunicação se tornara totalmente interativa, e cada um tinha contato com centenas e centenas de outras pessoas, graças a uma espécie de rede audiovisual descentralizada.” (RÜDIGER, 2008, p. 42). O isolamento do corpo se conforma em sua materialidade, afinal: “As pessoas nunca tocavam umas nas outras. O costume tornou-se obsoleto, devido à Máquina.” (FORSTER, 2011, p. 258).

Desta maneira, todos os sujeitos acreditam que através desta mediação estão inseridos em uma sociedade evoluída e igualitária regida por uma ordem formulada por um conhecimento técnico. Através desta mediação, o indivíduo tem a liberdade de pesquisar e discorrer sobre o que quiser. De acordo com o narrador do conto: “Havia o botão que produzia literatura. E havia, naturalmente, os botões pelos quais ela se comunicava com seus amigos.” (FORSTER, 2011, p. 251). No entanto, este conhecimento é sempre constituído a partir de uma outra informação, nunca é resultante de uma experiência direta com o objeto.

O processo de mediação nesta sociedade é amplo e acompanha toda a ação desempenhada pelos sujeitos. A Máquina está em todos os lugares e segundo Moraes: “O único contato (voluntário) que tem com o mundo exterior se dá por meio de um tubo acústico (*speaking tube*) e de uma tela, uma espécie de placa circular, em que vê a

imagem da pessoa com quem fala.” (MORAES, 2012, p. 252). O isolamento do corpo é equalizado com a suposta liberdade conferida através da comunicação audiovisual mediada.

Assim, compreendemos que a individualização e isolamento físico são partes constituintes deste universo de controle fundamentado por esta realidade. A aproximação física com outros sujeitos e com a própria natureza é entendida como ultrapassada, pois refuta a ideia de progresso, ordem e civilidade. Ao mesmo tempo a padronização espacial e o cuidado dos corpos, visando sua preservação, se afirmam como estratégia de proteção e segurança do sistema. Sobre isto, Foucault nos diz que: “As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em torno dos se desenvolveu a organização do poder sobre a vida.” (FOUCAULT, 2015, p. 150). O controle não limita a capacidade do corpo, pelo contrário a amplia enormemente. As tarefas realizadas pelo sujeitos não seriam possíveis sem a completa mediação da Máquina, o que colabora para que todos tivessem a impressão de desfrutar uma vida plena.

Os sujeitos enquadrados neste universo estão dispostos a permanecerem neste estado, pois tudo se acomoda com perfeita naturalidade e ordem. A Máquina que gerencia e provê o necessário para a manutenção da vida se estabelece como figura primordial para a definição do controle dos corpos. É esta forma de poder que interfere no desejo da coletividade, constituindo um tipo de sociedade disciplinar que representa uma face da relação difusa de controle e: “Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede.” (FOUCAULT, 2012, p. 284). Este poder em rede traduzido pela Máquina não é explicado por Forster, mas é parte da sobrevivência dos humanos, pois de acordo com Rüdiger: “Forster passa muito por alto pelo fato de o maquinismo só se manter através das pessoas, mas é em torno dessa questão que se estrutura o conto. A máquina coordena, calcula e provê, mas não têm objetivo substantivo nenhum.” (RÜDIGER, 2008, p. 45). É, portanto, um fim em si mesma. Deste modo, não há explicações sobre qualquer aspecto do sistema, basta que todos os indivíduos realizem determinados comportamentos para a manutenção de uma ordem que deve incluir a todos. Neste sentido, compreendemos Battaglia que diz:

*The individual is reduced to one point in a complex geometric figure, but since he has no external point from which to view the whole system, he has*

*the terrible feeling of being part of an order in which he is not, and never will be, able to find his bearings* (BATTAGLIA, 2000, p. 64).

No entanto, esta é uma ação que se desdobra sem a interferência direta das pessoas que dependem da Máquina pois: “As pessoas não poderão mais desligá-la, porque o fazer seria uma espécie de suicídio, vista a dependência da qual se tornaram prisioneiras.” (RÜDIGER, 2008, p. 58). O processo de mediação incide diretamente como um controle sobre a vida humana.

Percebemos nesta breve análise que o conto de Edward Forster problematiza a organização de uma sociedade do futuro com o objetivo de interpelar as expectativas constituídas com base no progresso e desenvolvimento tecnológico. A humanidade em *The Machine stops* se apresenta em um universo de absoluto controle e os sujeitos estão, a princípio, plenamente conformados com isto, por compreenderem que se trata de um tempo evolutivo necessário que suplante o passado primitivo. O poder se estabelece naturalmente, em rede, e não se afirma através de uma força violenta, mas se apresenta como discreta e difusa no conjunto de valores e ações indispensáveis à sobrevivência.

O controle do corpos através do isolamento e a padronização dos espaços em que vivem permitem que a interação mediada seja uma passagem segura para a manutenção de uma conduta evoluída. Embora não seja possível tratar aqui de outros aspectos relacionados ao conto, destacamos que há uma questão filosófica importante a ser abordada neste contexto, pois afastando o sujeito da produção do conhecimento não haveria a possibilidade da humanidade criar uma reflexão crítica sobre si própria, visto que tudo se afirma através das leituras e interpretações secundárias das perspectivas que já haviam sido oferecidas pela Máquina. O controle do corpo se desdobra no controle da própria construção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, L. David. **No mundo da ficção científica**. São Paulo: Summus, 1974.

BATTAGLIA, Beatrice. Losing the Sense of Space: Forster's “The Machine stops” and Jamenson's “Third Machine Age”. In SANDISON, Alan; DINGLEY, Robert. (ed). **Histories of the future: studies in fact, fantasy and science fiction**. New York: Palgrave, 2000.

BEAUCHAMP, Gorman. Technology in the Dystopian Novel. **MFS Modern Fiction Studies**, vol. 32, n. 01, 1986, Project MUSE, doi: 10.1353/mfs.0.1315. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/244281>

CAUSO, Roberto de Sousa. **Ficção Científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

CEKER, Ebru. A cultural materialist reading of E. M. Forster's *The Machine stops*. **International Journal of Arts & Sciences**, vol. 08, n. 04, 2015, ISSN: 1944-6934. Disponível em: <http://www.universitypublications.net/ijas/0804/html/V5NA230.xml>

ECO, Umberto. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Traduzido por Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FORSTER, Edward M. *The Machine stops*. Tradução de Celso R. Braidá. (n.t.) **Revista Literária em Tradução**, Florianópolis, n. 02, março, 2011, ISSN 2177-5141. Disponível em <http://www.notadotradutor.com/revista2.html>

FURLANETTO, Elton Luiz Aliandro. O futuro como ruptura: A crítica materialista-histórica de ficção científica e utopia. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 32, n. 2, dez. 2012. ISSN 2316-5758. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635889>

MARCH-RUSSELL, Paul. "Imagine, if you can": Love, time and the impossibility of Utopia in E. M. Forster's "The Machine stops". **Critical Survey**, vol. 17, n. 01, 2005, ISSN 1752-2293. Disponível em: [www.jstor.org/stable/41556094](http://www.jstor.org/stable/41556094)

MORAES, Helvio. O humanismo de E. M. Forster em *The Machine Stops* (1909). **Gragoatá**, [S.l.], vol. 18, n. 35, dec. 2013. ISSN 2358-4114. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/32>

MORAES, Helvio. Uma leitura de "The Machine stops", a distopia tecnológica de E. M. Forster, **Remate de Males**, Campinas, vol. 32, n. 02, 2012. ISSN 0103-183X. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635885>

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

SCABURY, Marcia Bundy. Images of a Networked Society: E. M. Forster's "The Machine stops". **Studies in Short Fiction**, vol. 34, n. 01, 1997. Disponível em: <http://search.proquest.com/docview/195682456?accountid=8113>

SEEGERT, Alf. Technology and the Fleshly Interface in Forster's "The Machine stops": An Ecocritical Appraisal of a One-Hundred Year Old Future. **Journal of Ecocriticism**, vol. 02, n. 01, 2010. Disponível em: <http://ojs.unbc.ca/index.php/joe/article/viewArticle/98>

SUVIN, Darko. On the Poetics of the Science Fiction Genre. **College English**, Vol. 34, No. 3, 1972. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/375141>

THCÁPEK, Karel. **A fábrica de robôs**. Traduzido por Vera Machac. São Paulo: Hedra, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ZIMMERMANN, Ana Cristina; MORGAN, W. John. E.M. Forster's 'The Machine Stops': humans, technology and dialogue. **AI & SOCIETY**, 2017. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007/s00146-017-0698-3>